



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CÁSSIA THYARA CÂNDIDO CUNHA

**MONITORIA NO COMPONENTE CURRICULAR
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

CÁSSIA THYARA CÂNDIDO CUNHA

MONITORIA NO COMPONENTE CURRICULAR
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Maria Lúcia Serafim

CAMPINA GRANDE – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C972m

Cunha, Cássia Thyara Cândido.

Monitoria no componente curricular educação e tecnologias [manuscrito]: um relato de experiência. / Cássia Thyara Cândido Cunha, 2013.

33 f. il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Maria Lúcia Serafim, Departamento de Pedagogia”.

1. Monitoria Acadêmica 2. Pedagogia 3. Formação de Docentes I. Título.

21. ed. CDD 371.225

MONITORIA NO COMPONENTE CURRICULAR
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em 28/08 / 2013.

Maria Lúcia Serafim

Profª Msª Maria Lúcia Serafim / UEPB
Orientadora

Marta Lúcia de Souza Celino

Profª Drª Marta Lúcia de Souza Celino / UEPB
Examinadora

Patrícia Cristina A. Aragão
Profª Drª Patrícia Cristina A. Aragão / UEPB
Examinadora

MONITORIA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CUNHA, Cássia Thyara Cândido¹

Resumo

Este artigo trata acerca de uma experiência de monitoria, no contexto da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, no período que inclui os anos de 2010 e 2011. De um modo peculiar, será exposto qual o papel do monitor e a função deste no componente curricular “Educação e Tecnologias”, disciplina esta que passou a compor o novo projeto pedagógico do curso de pedagogia a partir de 2009.2, onde minha turma tornou-se pioneira em receber a disciplina. Deste modo, espera-se que discentes sejam motivados a exercerem a monitoria na academia e almejem a docência. Usou-se a observação participante, na qual permite um contato real com os interlocutores, levando em consideração as várias faces e comportamentos dos sujeitos. Simultaneamente, em virtude deste contexto, viu-se a necessidade de apoiar este relato nas idéias de autores que tratam sobre o uso do computador na educação, levando-se em consideração a formação docente, entrelaçando a disciplina à monitoria. Percebeu-se que em nossa sociedade, a tecnologia tem avançado e que tanto a escola como a universidade precisam propor uma boa formação aos futuros profissionais da educação que estão na universidade, e conseqüentemente aos alunos das escolas. No curso de Licenciatura em Pedagogia da UEPB, esta formação é oferecida com qualidade, visto o movimento que vem sendo feito de compromisso com a formação docente numa sociedade em constante aprendizado e onde o monitor tem participação ativa nesse processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Monitoria. Educação e Tecnologias. Formação docente.

¹ Concluinte do curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
E-mail: cassiathyara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais competitiva, estimulada pela presença da tecnologia em todos os setores da vida diária, são necessários aos cursos de formação docente, fornecer instrumentos que venham proporcionar no público discente um crescimento para atuarem na sociedade, a fim de exercerem sua função social e profissional de modo eficaz.

A Universidade Estadual da Paraíba, em contra partida, vem oferecendo aos futuros licenciados do curso de Pedagogia uma nova disciplina que vem contribuir para o crescimento desse discente na sua vida acadêmica, criando uma base para que futuramente, como profissional, venha atuar de maneira satisfatória no mercado de trabalho.

Além de oferecer uma nova disciplina ao curso, a UEPB oferece aos graduandos o programa de monitoria regularmente a cada semestre, com base em sua resolução interna. A Resolução da UEPB/CONSEPE/020-2007 visa despertar no estudante o interesse pela docência e promover a cooperação entre o corpo docente e discente, em benefício da qualidade de ensino, ministrado pela instituição.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência da monitoria da disciplina “Educação e Tecnologias” no período dos semestres 2010.1, 2010.2, 2011.1 e 2011.2; procurando evidenciar a prática de atividades acadêmicas auxiliares, as quais se destacam como um exercício da atividade docente e, para motivar outros alunos dentro da própria instituição a buscarem caminhos como este, adquirindo assim experiência acadêmica e profissional através da monitoria.

Nessa direção, será explicitada a monitoria na universidade, sua função, deveres, a experiência em si; entrelaçando com noções básicas para um maior conhecimento e entendimento do assunto acerca da disciplina “Educação e Tecnologias”, evidenciando o computador na sociedade e a formação docente; alicerçados sobre os documentos oficiais da Resolução UEPB/CONSEPE/020-2007, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006), LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) (1996), Resolução CNE CP Nº1 DE 15 de Maio de 2006, Resolução da UEPB (2007), Parecer CNE\ CP nº5 (2005), Livro Verde (2000) e leituras de vários pesquisadores renomados, como Mercado (1998), Kuthlthau (2002), Franco (1998) (1984), Dione e Laville (1999), Chaves (1983) (1998), Moran (2001) (2000), Masetto (1997), Valente (1993) (1996) (1999), Vieira (2011), Moreira e Candau

(2008), Kensky (2007), Fugimoto, Vygotsky (2004), Freire (2000) (2005), Nasser (2011), tendo como foco principal o tema geral do trabalho que é a monitoria e a disciplina “Educação e Tecnologias”.

Segundo Franco (1998) é raro os estudos que envolvem este tema tanto por parte de orientadores, quanto dos monitores. A monitoria surge então como um acréscimo a vida acadêmica do estudante e no almejo à docência na universidade, pois há um crescimento intelectual, profissional e social. Nesse contexto, a procura por novos conhecimentos agrega fortalecimento na profissão e favorece o desenvolvimento de um trabalho produtivo e eficiente.

É válido salientar que a coleta de dados realizou-se por meio do instrumento da observação participante, conforme Dione e Laville (1999). Esta análise, permite que entremos em contato real com nossos interlocutores, levando em consideração as várias faces e diversos comportamentos dos sujeitos.

Por meio da aplicação desse instrumento, foi possível a aquisição de dados importantes sobre a realidade dos sujeitos inseridos na pesquisa, dignas de serem avaliadas com uma percepção criteriosa.

Como resultado, pretende-se que a classe acadêmica compreenda o papel do monitor em sua função social, na sua relação com o espaço de aprendizagem, isto é, a sala de aula e a relação com o docente e os discentes. Portanto, a universidade corresponde com o despertar pessoal para a docência e através da fecundidade das leituras, reflexões e discussões sobre a temática, haja um posicionamento dos docentes para que incluam monitores em sala de aula e que discentes monitores compreendam a monitoria como crescimento, aprendizado e transformação da vida acadêmica.

2. FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA E EXTENSÃO

2.1. A importância da seleção de monitoria para a Universidade

Existem vários documentos oficiais dentro da Universidade Estadual da Paraíba que conversam entre si e que são importantes para serem colocados nesse trabalho, a fim de que haja um maior entendimento e aprofundamento sobre o assunto monitoria.

Observando a Resolução CNE CP Nº1 de 15 de Maio de 2006 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, feita pelo

Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno, podemos ver vários artigos que nas suas entrelinhas expõem a importância do elo entre teoria e prática nos cursos de Pedagogia.

Logo no Art 3º é levado em consideração que o estudante de Pedagogia deve trabalhar com um repertório de informações e habilidades que contenha pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, e que através do exercício da profissão esta consolidação será alcançada, fundamentada “em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética”. Isto é, para um professor ativo em sala de aula, sua didática deve abordar o contexto interdisciplinar e a contextualizar disciplinas e momentos, sendo democrático. É necessário inclusive que em sua formação dentro da academia, ele tenha conhecimentos teóricos e práticos.

Outro artigo da Resolução, o VII, (2006, p.2), indica que todo aluno que ingressar no curso de pedagogia estará apto a “relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didáticos-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas”. Portanto, o professor trará uma linguagem que facilite o processo de ensino-aprendizagem mediante as tecnologias de informação e comunicação apropriadas ao seu universo em sala de aula.

A disciplina “Educação e Tecnologias” no curso de pedagogia da UEPB oferece conhecimentos teóricos e práticos de forma a preparar o aluno a relacionar linguagens dos meios de comunicação à educação, adquirir domínio das tecnologias da informação e comunicação de modo significativo.

Segundo Mercado (1998, p.1) o componente tecnológico nos currículos escolares não deve ser esquecido:

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos escolares as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado.

Tal afirmação caracteriza bem o que Kuhlthau (2002, p.22) que dizer quando expõe a necessidade de crianças e jovens conhecerem as tecnologias:

A tecnologia da informação, representada pelos computadores e redes eletrônicas (vale dizer a internet), teve profundo impacto na disponibilização e no uso da informação, e tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas. É necessário, portanto, preparar as crianças e jovens para conviver com a tecnologia, capacitando-as a lidar com a quantidade crescente de informações em

meios eletrônicos e preparando-as para enfrentar os desafios de um mercado de trabalho instável e mutante.

Pode-se mencionar que essa é uma realidade distante de muitas escolas no nosso país, e para que crianças e jovens tenham contato com as tecnologias, é necessária uma boa formação para os professores.

Podemos perceber que na prática, o que está na Resolução da UEPB (2007) tem de fato ocorrido, pois existem disciplinas no curso de pedagogia que comprovam que o que está escrito, são aplicáveis e práticas.

Ainda na resolução, no Art 6º, que diz respeito à estrutura do curso de Pedagogia, visando o respeito a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

III- um núcleo de estudos integrados que proporcionará enriquecimento curricular e compreende participação em:

- a) Seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, monitoria e extensão, diretamente orientados pelo corpo docente da instituição de educação superior;
- b) Atividades práticas de modo a proporcionar vivências, nas mais diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamentos e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos.

Assim, a monitoria tem sido um instrumento para que tais teorias sejam postas em prática, pois com a ajuda de um monitor em sala de aula, o conhecimento torna-se mais significativo e as aulas bem mais práticas em todos os sentidos. A monitoria oferece ao monitor experiência e utilização de recursos pedagógicos.

Pode-se constatar que a atividade de monitoria é novamente citada no Art 8º, que fala acerca do projeto pedagógico do curso de Pedagogia, onde a integralização do estudo é efetivada por meio de: “III – atividades complementares envolvendo o planejamento e o desenvolvimento progressivo do trabalho de curso, atividades de monitoria, de iniciação científica e de extensão (...) de modo a propiciar vivências em algumas modalidades e experiências.”

Nesta perspectiva, é necessário que a universidade tenha práticas de docência que facilite o processo pedagógico e uma dessas formas é através da monitoria.

A Resolução da UEPB² (2007, p.1) do CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) 020/2007, regulamenta a atividade de monitoria desenvolvida na UEPB. Tal resolução considera a atividade de monitoria uma oportunidade de

² “publicada no D.O.E. em 18 de Maio de 2007”. Disponível em:
<http://proreitorias.ascom.uepb.edu.br/proeg/?wpfb_dl=10> Acesso em: 10 jul. 2013.

reestruturação de modos do agir pedagógico e como instrumento para o trabalho com a diversidade de conhecimentos em sala de aula.

No Art. 1º da Resolução de monitoria, a monitoria enquanto experiência pedagógica, oferecida ao aluno regularmente matriculado em curso de graduação, tem por objetivos despertar no próprio aluno o interesse pela prática docente e promover a cooperação entre aluno e professor, conferindo qualidade ao ensino de graduação, ministrado pela instituição.

De acordo com a Resolução UEPB (2007, p.3) para que a monitoria seja realizada de modo satisfatório, o monitor deve possuir atividades a serem desenvolvidas.

No Art. 2º, a prática da monitoria abrange toda e qualquer atividade auxiliar relativa aos encargos acadêmicos de um dado componente curricular, sendo orientadas e supervisionadas pelo professor do componente curricular em questão.

Segundo o Art. 4º, determina que as atividades desenvolvidas na monitoria devem totalizar 12 horas por semana, de modo a não prejudicar as atividades acadêmicas do aluno.

No Art. 5º, indica a quantidade de períodos letivos para cada curso; se for anual o exercício da monitoria corresponderá a um período, caso seja semestral, dois períodos letivos, não sendo permitida a sua prorrogação.

De acordo com o Art. 8º, os alunos para exercerem as funções de monitoria devem, mediante processo de seleção, demonstrar capacidade de auxiliar os membros do Magistério Superior em atividades técnico-didáticas, de pesquisa e de extensão.

No Art 11º da Resolução de monitoria, as vagas destinadas ao exercício da Monitoria devem ser determinadas e divulgadas pelos Departamentos, para cada processo seletivo, de acordo com as solicitações dos professores, e através da apresentação de seus Planos Anuais de Monitoria. A disponibilidade das vagas para o processo de seleção de monitores sempre são fixadas, de acordo com a necessidade de cada professor, nos murais dos departamentos, a cada semestre.

A seleção de monitoria exige um processo seletivo adequado dos candidatos, e por conseguinte, algumas normas devem ser levadas em consideração:

Segundo o Art. 13, as inscrições para seleção de monitores ocorrem na segunda semana do início do período letivo correspondente e são realizadas nas secretarias dos Departamentos.

Para exercer a monitoria, o candidato deve submeter-se ao processo de seleção, conforme o Art. 14, onde deve se enquadrar nos seguintes requisitos:

- I- Tenha cursado o Componente Curricular, objeto da seleção;
- II- Apresente o Coeficiente de Rendimento Escolar (CRE) igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero);
- III- Não tenha sido reprovado em mais de 3 (três) Componentes Curriculares durante a sua vida acadêmica;
- IV- Não tenha reprovações no Componente Curricular, objeto da Monitoria;

Para efeito de classificação, os artigos 16 e 17 descrevem que o candidato que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero) na prova será considerado aprovado no processo de seleção de monitores, e deve atender a média ponderada dos seguintes itens:

- I - Prova escrita e, quando for necessário prova prática, versando sobre conteúdos desenvolvidos no Componente Curricular, objeto da seleção;
- II - Média obtida no Componente Curricular, objeto da seleção;
- III - Coeficiente de Rendimento Escolar - CRE.

Parágrafo único - A média ponderada de que trata o *caput* deste Artigo obedecerá à seguinte fórmula:

$$\text{Nota} = \frac{\text{Item I} \times 5(\text{cinco}) + \text{item II} \times 3(\text{três}) + \text{item III} \times 2(\text{dois})}{10}$$

10

Diante do exposto, constata-se que é necessário que as universidades ofereçam atividades de monitoria bem como outras atividades acadêmicas, a fim de que seus discentes tenham seus conhecimentos teóricos alargados através da prática, principalmente nos cursos de licenciatura plena.

Tais citações confirmam o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) diz em seu Art 43º quanto a finalidade do ensino superior: “III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.”

Pode-se perceber que algumas universidades adotam o programa de monitoria em suas resoluções internas, com objetivo de que seus alunos tenham experiências diferentes e construtivas junto ao docente de determinado componente curricular e conseqüentemente, com outros docentes.

A monitoria traz consigo um leque de novos olhares para o aluno monitor, que ao ajudar um professor, começa a ter um papel na universidade não só de aluno receptor mas, de aluno ativo; tendo a oportunidade de viver e entender a vida universitária pelo olhar docente, pois participa inclusive dos planejamentos das aulas.

Logo, a monitoria exerce um papel imprescindível para o processo construtivo de monitor a docente.

2.2 Exigências do Monitor

Segundo o dicionário Aurélio online³, monitor é aquele que dá conselhos, lições. É uma pessoa que orienta ou toma conta de um grupo de crianças ou alunos; aluno encarregado de uma seção de alunos de classe inferior a sua.

Após a classificação do discente na monitoria, o monitor se vê um tanto quanto perdido em suas funções e a pergunta que logo vem em mente é: “o que é que eu tenho que fazer?”.

É importante que o aluno que se interessa em ser um monitor procure fontes, pesquise assuntos relativos ao mesmo para que suas dúvidas sejam esclarecidas. É fácil encontrar monitores que se perguntam frequentemente o que podem e o que não podem fazer.

A própria universidade dispõe em sua Resolução da CONSEPE que regulamenta a atividade de monitoria, mais informações sobre o papel do monitor, além de existirem documentos dentro da UEPB específicos para monitores, como o manual do monitor.

Observa-se a seguir algumas atribuições do monitor que consta na Resolução UEPB-CONSEPE/020-2007, mais especificamente no Artigo 20:

- I – auxiliar o corpo docente em tarefas pedagógicas e científicas, inclusive na preparação de aulas, trabalhos didáticos e atendimento a alunos;
- II – auxiliar o corpo docente em trabalhos práticos e experimentais;
- III – ajudar e orientar os alunos em seus estudos e trabalhos teóricos e práticos;
- IV – construir um elo entre os docentes e discentes, visando o melhor ajustamento entre a execução dos programas do curso e o desenvolvimento da aprendizagem.

Vale salientar que as atividades que o monitor desempenha não são

³ disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Monitor.html>> Acesso em: 10 Jul.2013.

independentes e aleatórias e devem cumprir o regimento da universidade, entendendo e seguindo com clareza os respectivos deveres e direitos do mesmo.

O Artigo 22 indica que o monitor não deve ministrar aulas teóricas ou práticas sem a presença do professor, nem desempenhar atividades não inerentes ao Componente Curricular do qual é o monitor ou às atividades relativas ao processo de ensino-aprendizagem, nem tão pouco assumir tarefas ou obrigações próprias exclusivas do professor e de funcionários.

Porém o professor orientador também tem regras a serem cumpridas, conforme o Artigo 24:

- I – apresentar ao departamento o plano anual de monitoria justificando a vaga solicitada;
- II – participar da seleção dos monitores;
- III – planejar e programar as atividades de monitoria juntamente com o aluno, estabelecendo a metodologia a ser utilizada no atendimento aos alunos a serem assistidos.
- IV – organizar, com monitor, horário comum de trabalho que garanta o exercício efetivo da monitoria;
- V – acompanhar e orientar o monitor na execução das atividades discutindo com ele as questões teóricas e práticas, fornecendo-lhes subsídios necessários para as suas atividades;
- VI – supervisionar as atividades do monitor.

Além do que foi exposto, no Art. 25 (2007,p.06), deixa-se claro que cabe ao professor orientador acompanhar não só as atividades desenvolvidas, mas, também, o cumprimento da carga horária definida para o monitor, enviando mensalmente a folha de frequência para o chefe do departamento.

3. O COMPUTADOR NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Este artigo tem como finalidade compartilhar as atividades de monitoria exercidas na disciplina “Educação e Tecnologias”, mas para isso se faz necessário, uma breve explicação para um maior entendimento do elo existente entre a tecnologia, a disciplina e o porquê desta monitoria neste componente.

As tecnologias incorporam todas as formas de aprimoramento, aperfeiçoamento e/ou inovação de alguma técnica, tendo como objetivo o auxílio nas condições de vida de um determinado povo ou sociedade.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, tecnologia não se resume apenas a máquinas. Exemplos simples do nosso cotidiano como o lápis, próteses, o papel, o celular, a escova de dente, tudo são tecnologias que foram se adequando ao tempo, a cultura e as condições de vida da sociedade de um modo geral.

Pensar tecnologia como algo totalmente mecânico e “inovador” nem sempre é correto. Ao examinar atentamente nossas condições de vida hoje, percebe-se que as vidas não seriam as mesmas se não existisse a tecnologia atuando em favor. O que aconteceria se não existisse a energia elétrica? O telefone? a impressão de livros? A caneta? Tecidos cada vez mais resistentes? Óculos? Próteses? Mesmo que não se perceba, trabalha-se, atua-se e vive-se com a tecnologia todos os dias.

Até mesmo povos distantes que ao olhar humano estão fora do “mundo civilizado”, fabricam suas tecnologias. Eles encontram meios de viverem melhor, se aperfeiçoam a cada dia. Seja numa roupa, em um novo remédio medicinal, etc. Então, a tecnologia auxilia em “conviver-se” melhor no nosso dia-a-dia.

Na sala de aula, não é diferente, até mesmo porque a sala de aula faz parte de uma sociedade, de uma cultura que por sua vez está inserida no mundo. Levar o computador para a sala de aula não significa que o professor será substituído por ele. Chavez (1983,p.5) caracteriza bem isso, dizendo que “em uma sociedade cada vez mais permeada pela tecnologia, é importante que as pessoas cresçam imbuídas de um sentido de que são elas que devem controlar as máquinas – não vice-versa”.

As tecnologias de comunicação não substituem o professor. Segundo Moran (2001) “transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento em ética”. É necessário que o docente passe a ser estimulador da curiosidade do aluno com relação ao uso do computador, ou seja, organiza a pesquisa às informações relevantes;

O professor torna-se o mediador do processo de ensino-aprendizagem. O computador deve ser uma ferramenta pedagógica para a aprendizagem dos alunos.

Para Chavez (1983, p.5) o computador é uma poderosa ferramenta:

O computador é fundamentalmente uma poderosa ferramenta que, se bem utilizada, pode levar ao aprendizado não só de fatos importantes sobre o próprio computador bem como sobre outros conteúdos, mais, e mais importante, pode levar à aprendizagem de privilégios, habilidades que ajudarão o aluno em seu aprendizado subsequente, que farão dele um melhor solucionador de problemas.

Através do computador é possível aprender diversos conteúdos, ele é interdisciplinar, além de levar o aluno a adquirir habilidades que o ajudará em suas

aprendizagens futuras.

É errôneo pensar que apenas ter um laboratório de informática em uma escola é o essencial para que a mesma já esteja inserida no mundo digital. Ter um computador não significa estar incluído, não significa que é inclusão. O que adianta a “máquina” se os professores não sabem utilizá-la, nem muito menos os alunos? E se sabem, muitas vezes utilizam de uma maneira não muito conveniente e sem nenhum acréscimo no seu conhecimento?

Para Chavez (1983, p.5), é necessário que o conhecimento seja eficaz, que os programas tenham utilidades. O que se tem que fazer é criar linguagens, programas utilitários, que deem ao usuário um número cada vez maior de recursos que permitam o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Utilizar um programa só por utilizar, não é produção de conhecimento, nem sinal de aprendizagem. Muitas pessoas usam o computador e seus programas para suprirem a carência de seu tempo ocioso. Cabe frisar que a cada dia a tecnologia tem crescido de modo demasiado. Hoje no Brasil, existe uma “febre” de jovens e crianças em *lan houses*⁴ que passam seu tempo buscando entretenimento na Internet, muitas vezes, sem nenhuma finalidade. Ultimamente, o uso da Internet tem se estendido para o uso de celulares, *ipads*⁵ e *tablets*⁶.

O docente tem o papel importantíssimo em propiciar aos alunos momentos de aprendizagem que seja eficaz com o uso do computador. Do que adianta ter um recurso disponível, se muitas vezes não se é mudado a metodologia da escola e do professor? Muda-se o “exterior”, mas no interior suas idéias continuam arcaicas e muitas vezes soberbas quanto ao novo. O computador jamais irá substituir o educador em sala de aula e fora dela.

Diante do nosso contexto de sociedade, é necessário que o professor reflita sobre suas práticas e entenda que atualmente temos vivido outra realidade, totalmente

⁴ “estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house> Acesso em: 10 Jul. 2013.

⁵ “iPad é o nome de um *tablet* produzido pela empresa Apple Inc. Pelo seu tamanho e peso se situa entre um *smartphone* e um computador portátil” Disponível em: <<http://www.significados.com.br/ipad/>> Acesso em: 10 Jul.2013

⁶ “é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tablet>> Acesso em: 10 Jul. 2013.

diferente dos anos 80, por exemplo, onde os alunos de hoje estão “crescendo”, se “formando” e se “moldando” às novas tecnologias.

Conforme Mercado (1998, p.1), o profissional precisa ser crítico

A sociedade atual passa por profundas mudanças caracterizadas por uma profunda valorização da informação. Na chamada sociedade da informação, processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque e passam a exigir um profissional crítico, com capacidade de pensar, de aprender, de trabalhar em grupo e de se conhecer como indivíduo.

O professor necessita ter um olhar crítico e aguçado sobre a sociedade atual e propiciar uma prática diferenciada. Diferenciada não só para acompanhar a “moda” que por sua vez, é irrevogável, mas diferenciada para garantir aos seus alunos uma aprendizagem na qual o aluno torna-se o agente do processo, aonde o aluno venha ter momentos de satisfação e um ampliação do aprendizado com a tecnologia e com o computador, utilizando não apenas a técnica.

Entende-se que é imprescindível uma mudança nos currículos, no Livro Verde (2000, p.48), podemos ver que:

A alfabetização digital precisa ser promovida em todos os níveis de ensino, do fundamental ao superior, por meio da renovação curricular para todas as áreas de especialização, de cursos complementares e de extensão e na educação de jovens e adultos, na forma e na concepção emanadas da lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional de 1996.

Existe uma série de analfabetos digitais⁷, e a necessidade dessa alfabetização se faz necessária, pois a sociedade tem mudado. É uma mudança irrevogável, a tendência é que as tecnologias invadam mais e mais nossas vidas, inclusive a escola. É de suma importância uma renovação nos currículos escolares.

Sabe-se que com as novas tecnologias de informação e Comunicação, ambientes de aprendizagem são criados de modo a favorecer uma relação de ensino - aprendizagem mais eficaz entre os alunos, de uma maneira virtual onde são utilizados vários recursos de mídia no computador (vídeos, fóruns, chats, aulas virtuais, tutoriais, etc.) de modo a garantir uma interação entre o professor e o aluno, mesmo que virtualmente. Muitas vezes tais ambientes de aprendizagem são bem mais “produtivos” do que muitas aulas presenciais, porque há um comprometimento maior, tal qual se estivesse pessoalmente, inclusive com a presença de tutores virtuais.

Cabe ressaltar que tecnologia e o computador em si, muitas vezes estão disponíveis na escola, na sala de aula. Mas, se o docente não refletir sobre sua prática e

⁷ “pessoa que não sabe utilizar um computador” Disponível em: <
<http://www.dicionarioinformal.com.br/analfabeto%20digital/>> Acesso em: 10 de Jul. 2013.

mudá-la para que venha utilizar o computador de uma maneira satisfatória à aprendizagem dos alunos, de nada adiantará.

Na sociedade em que vivemos, o professor deve ser diferente, buscar alternativas e melhorias para que o seu ensino seja diferenciado.

Vale salientar que o ‘re-encantamento’ depende de nós, como diz Moran (1995, p.5)

É maravilhoso crescer, evoluir, comunicar-se plenamente com tantas tecnologias de apoio, por outro lado, constatar que muitos só utilizam essas tecnologias, nas suas dimensões superficiais, alienantes ou autoritárias. O re-encantamento, em grande parte, vai depender de nós

Portanto, não basta apenas utilizar a tecnologia nem aprender a “usar” a máquina, é necessário que o docente tome o primeiro passo, revendo-se enquanto sujeito e atuando para que seus discentes sejam reflexivos, críticos e autônomos na sociedade atual.

Seja na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, técnico ou superior; se o professor quer utilizar tecnologias, que seja de uma maneira que provoque o aprendizado dos alunos. Que o computador seja uma ferramenta, e não “a ferramenta”. Em “Educação e Tecnologias”, o computador é utilizado como sendo uma ferramenta do processo de aprendizagem, o monitor participa de modo a auxiliar os alunos na condução adequada dessa ferramenta.

4. O COMPUTADOR NA PEDAGOGIA FORMAÇÃO DOCENTE

No tópico anterior, foi enfatizado que se não existir uma mudança profunda nos currículos, e principalmente na mente de muitos professores, a renovação não irá ocorrer, isso em todos os sentidos, não apenas na tecnologia.

Um dos fundamentos da formação do profissional de educação, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, atendendo aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, é a associação entre teoria e prática.

Muitos ainda possuem “medo” quanto ao uso dessa ferramenta que é o computador, “medo” de serem substituídos por uma máquina, “medo” por acharem que uma máquina “detém” mais conhecimento que eles. Na verdade, isso é uma mera opinião de quem não conhece nada acerca do uso do computador. É importante que o professor se aproprie de conhecimentos novos, pois seus alunos acompanham o mundo e suas mudanças. Se o professor não acompanhar, ele realmente será ultrapassado. É

com base nesse pensamento que Chavez (1998, p.2) afirma que:

O computador não é nenhuma panaceia – como não é nenhum monstro de sete cabeças: ele não vai nem acabestrar nem salvar a escola. Ele pode educar, ou então deseducar, dependendo da maneira em que for utilizado ele não é nenhum substituto para o uso da inteligência e da criatividade – e é por isso que alguém já disse, a meu ver com propriedade, que, se algum professor vier a perder seu emprego por causa da introdução de computadores na escola, este professor na verdade merecia ser substituído.

Pessoas que utilizam o computador, independente de sua área de atuação, jamais serão “robôs”, com um conhecimento centrado apenas na máquina, na reprodução, na decodificação. Um aluno que tem o apoio do computador em sua aprendizagem, não será um aluno comandado por uma máquina, será um aluno que terá novos e muitos horizontes para explorar. Cada vez que algo é explorado, mais esse conhecimento se abre em forma de ‘leques’ e mais conhecimentos virão.

Chavez (1998, p.02) ainda declara que o aluno longe de ser um mero observador que só reage quando solicitado, passa a ser um participante ativo no processo de construção de sua aprendizagem. Então, ele não é comandado por uma máquina, ele aprende e se torna ativo.

O professor deve propiciar ao aluno a liberdade de produzir o seu próprio conhecimento dentro do processo de aprendizagem. Assim, Chavez (1998, p.5) ainda fala que: “sua função educacional mais importante o coloca em papel inteiramente oposto: não no de instrutor mas no de aprendiz. A tarefa do aluno não é aprender do computador; mas ensiná-lo a realizar certas tarefas – programá-lo, enfim”

Deste modo, nas escolas, a informatização deve acompanhar a transformação tecnológica e formar indivíduos que venham ‘aprender a aprender’. Confirmando isso, Masetto (1997, p.90) diz que o conhecimento é construído e reconstruído, utilizando-se de recursos criativos e dinâmicos. À medida que o aluno é colocado como sujeito da aprendizagem, a ênfase é no sentido de que aprenda a aprender. E o professor se coloca como orientador/ facilitador das atividades articulando conteúdos, disciplinas, áreas, etc. Logo, o computador nas mãos dos alunos passa a ser um objeto de construção do conhecimento.

Segundo Mercado (1998, p.01) o componente tecnológico nos currículos escolares não deve ser esquecido:

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos escolares as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem

diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado

Tal afirmação caracteriza bem o que Kuhlthau (2002, p.22) quer dizer quando expõe a necessidade de crianças e jovens conhecerem as tecnologias:

A tecnologia da informação, representada pelos computadores e redes eletrônicas (vale dizer a internet), teve profundo impacto na disponibilização e no uso da informação, e tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas. É necessário, portanto, preparar as crianças e jovens para conviver com a tecnologia, capacitando-as a lidar com a quantidade crescente de informações em meios eletrônicos e preparando-as para enfrentar os desafios de um mercado de trabalho instável e mutante.

Pode-se mencionar que é uma realidade distante de muitas escolas no nosso país, e para que crianças e jovens tenham contato com as tecnologias, é necessária uma boa formação para os professores.

O papel do professor, ainda é de responsabilidade, de investimento no conhecimento dos alunos. Hoje, é essencial que o aluno seja ativo no processo da sua aprendizagem e não seja apenas um mero reproduzidor do conhecimento que lhe é passado.

No Livro Verde (2000, p.45) em suas entrelinhas, sobre o educar na sociedade:

Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomarem decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

Assim, o aluno precisa ser ativo e o professor atento às transformações tecnológicas e tentar aproveitá-las da melhor maneira possível na sua metodologia de ensino.

Segundo o Livro Verde (2000, p.49), os cursos de formação de professores, como as licenciaturas necessitam de injeção de energia, mas muito ponderada, de uso de tecnologias de informação e comunicação, para contemplar a formação de professores familiarizados com o uso dessas novas tecnologias.

Conforme o Parecer CNE\ CP nº5 (2005, p.08) uma das dimensões do campo de atuação do licenciado em Pedagogia deve ser a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico. E ainda leva em consideração que o perfil do graduando em Pedagogia deverá contemplar consistente formação teórica, diversidade de conhecimentos e de práticas que se articulam ao longo do curso.

Logo, é imprescindível que o discente de pedagogia, esteja apto a atuar no campo científico e tecnológico, e o que irá fortalecer isso é um suporte teórico intercalado com a prática no decorrer do curso. A presença da tecnologia é importante e não deve passar despercebida nos cursos.

O licenciado precisa ter domínio das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e usá-las a seu favor, da maneira correta e conseqüentemente, suas aprendizagens serão bem mais significativas, todo o processo será facilitado.

Segundo Pacievitch (2013) essas TICs podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. Onde destaca que uma das áreas mais favorecidas com as TICs é a educacional e cita a educação à distância:

Com a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos têm a possibilidade de se relacionar, trocando informações e experiências. Os professores e/ou tutores tem a possibilidade de realizar trabalhos em grupos, debates, fóruns, dentre outras formas de tornar a aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, a gestão do próprio conhecimento depende da infraestrutura e da vontade de cada indivíduo.

Segundo Vieira (2011, p.01) estudos demonstram que a utilização do computador como ferramenta pedagógica traz uma enorme contribuição para a prática pedagógica.

Cabe ao professor, utilizar o computador como uma ferramenta educacional, e da maneira correta. Formando sujeitos críticos e pensantes. Vieira (2011, p.1) ainda expõe que:

As novas modalidades de uso do computador na educação apontam para o uso desta tecnologia como ferramenta educacional de complementação, de aperfeiçoamento e possível mudança na qualidade de ensino. Portanto, ao invés de memorizar informação, os alunos devem ser ensinados a buscar e usar a informação.

Isso confirma o que Valente (1993, p.6) fala acerca do computador e nas atitudes dos alunos:

O computador passa a ser uma ferramenta educacional, uma ferramenta de complementação, de aperfeiçoamento e de possível mudança na qualidade do ensino. Isto tem acontecido pela própria mudança na nossa condição de vida e pelo fato de a natureza do conhecimento ter mudado. Hoje, nós vivemos num mundo dominado pela informação e por processos que ocorrem de maneira muito rápida e imperceptível. Os fatos e alguns processos específicos que a escola ensina rapidamente se tornam obsoletos e inúteis. Portanto, ao invés de memorizar informação, os estudantes devem ser ensinados a buscar e a usar a informação. Estas mudanças podem ser introduzidas com a presença do computador que deve propiciar as condições para os estudantes exercitarem a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente.

Assim, pode-se apreender que diante dos avanços da tecnologia nos últimos tempos, o educador é praticamente “obrigado” a se adequar ao mundo das novas mídias, para manter-se atualizado e propiciar aos alunos uma educação mediada pelas mídias digitais.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006, p.13) “(...) as crianças são produtoras de cultura e produzidas numa cultura (...)”. Então, é importante que o professor seja conhecedor desse processo tecnológico.

A cultura atual inserida na sociedade, que se reflete intensamente sobre as crianças é uma cultura emergida nas tecnologias. Hoje toda criança possui um celular com internet. Uma realidade não só de escolas particulares, mas de públicas também. É necessário que a escola acompanhe a evolução da sociedade propiciando a educação correta. No caso das tecnologias, os professores necessitam se qualificar para favorecer aos alunos um novo olhar, uma nova forma de enxergar o mundo criticamente, aliando o instrumento que trazem nas mãos com o conhecimento que estão adquirindo.

Mercado (1998, p.2) descreve o seguinte:

Às escolas, cabe a introdução das novas tecnologias de comunicação e conduzir o processo de mudança da atuação do professor, que é o principal ator dessas mudanças, capacitar o aluno a buscar corretamente a informação em fontes de diversos tipos. É necessário também conscientizar toda a sociedade escolar, especialmente os alunos, da importância da tecnologia para o desenvolvimento social e cultural.

Em meio a uma sociedade emergida na era digital, percebe-se a necessidade de inserir uma nova proposta ao currículo das crianças. E para isso, é indispensável que o professor em sala de aula propicie momentos de contato com as mídias.

Deste modo, pode-se entender melhor o que Mercado (1998, p.3-4) afirma quando:

Com as novas tecnologias, novas formas de aprender, novas competências são exigidas, novas formas de se realizar o trabalho pedagógico e fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar nesse ambiente telemático, em que a tecnologia serve como medidor do processo ensino-aprendizagem.

E ainda que:

Ao professor cabe o papel de estar engajado no processo, consciente não só das reais capacidades da tecnologia, do seu potencial e de suas limitações para que possa selecionar qual é a melhor utilização a ser explorada num determinado conteúdo, contribuindo para a melhoria do processo ensino-aprendizagem por meio de uma renovação da prática pedagógica do professor e da transformação do aluno em sujeito ativo na construção do seu conhecimento, levando-os através da apropriação desta nova linguagem a inserir-se na contemporaneidade

A prática pedagógica do professor precisa ser renovada. As novas tecnologias é um ótimo caminho para isso. De uma maneira interdisciplinar o professor alia o uso do computador às disciplinas curriculares das crianças, propiciando novos caminhos de aprendizagem.

Masetto (1997, p.96) faz algumas declarações interessantes acerca da tecnologia nas escolas que vale a pena serem mencionadas aqui. Uma delas é que existe toda uma tecnologia de ponta que a escola pode utilizar dentro e fora de seu espaço físico. Com base nessas declarações absorvem-se duas idéias. Uma é que a tecnologia está disponível e acessível a todos, rompe barreiras e vai além dos muros da escola. Cabe a esta utilizá-la da melhor forma em prol da aprendizagem dos alunos. Outra vertente que precisa ser evidenciada é que existe um grande número de escolas, principalmente públicas, com laboratórios de informática equipados e bem estruturados, mas estão fechados. Ou por falta de interesse da comunidade escolar, ou falta de pessoas e professores capacitados para operar essas máquinas em todos os sentidos. Os recursos são dados e disponibilizados, só falta o interesse.

Outras declarações de Masetto (1997,p.96) que devem ser ressaltadas, é que numa sociedade em que os recursos ligados à informática, às telecomunicações e às demais expressões da tecnologia industrial vão se tornando cada vez mais acessíveis á população, é importante fazer algumas considerações:

- ✓ Restringir a construção do conhecimento unicamente ao livro didático, a escola cria um ambiente de aprendizagem estagnado no tempo, fora de contexto e desinteressante;

- ✓ é necessário um investimento por parte da escola em cada vez mais em equipamentos e treinamento eficaz e contínuo de seu pessoal (professores e funcionários);

- ✓ a escola precisa aprender a usar a tecnologia disponível fora de seu ambiente geográfico (computadores, livros, TV, vídeos, câmeras portáteis, jornais, videogames, fotografias, filmes, slides, projetores, processadores de imagens, equipamentos de som, etc);

- ✓ o mundo tornou-se uma grande aldeia global. Os bens culturais, as diferentes expressões artísticas e os conhecimentos científicos, antes restritos a uma maioria privilegiada, podem agora ser compartilhados mais democraticamente.

Deste modo, percebe-se que deve existir um comprometimento por parte da escola em não se limitar apenas ao livro didático, os professores precisam ser

capacitados e habilitados para lidar com as novas tecnologias. A escola precisa aprender a usar essas tecnologias e estas estão acessíveis a todos, inclusive à escola pública com laboratórios equipados de qualidade e com internet gratuita distribuída a todos os alunos. Tal declaração nos impulsiona ao assunto antes defendido, que se não existir uma nova postura, a mudança não acontece.

Despertar para o novo é necessário. É papel primordial de o professor sair do tradicional e inovar. Parar no “tempo e no espaço” só levará a uma geração de alunos limitados. Estes acompanham a sociedade em seus avanços tecnológicos sem “tabu” algum. E nós educadores, se não acompanharmos o processo, também seremos substituídos por outro educador mais capacitado, que se desprende do corriqueiro e “mergulha no novo”.

Valente (1993, p.1) afirma que as escolas carecem de uma mudança em suas abordagens pedagógicas:

O uso inteligente do computador na educação é justamente aquele que tenta provocar mudanças na abordagem pedagógica vigente ao invés de colaborar com o professor para tornar mais eficiente o processo de transmissão de conhecimento

Vale salientar que de nada adianta um novo olhar por parte do professor, e o desejo de fazer o novo, se a escola não se engajar no mesmo propósito. Muitas escolas “podam” idéias brilhantes de professores que querem inovar. É um desafio a ser vencido.

Mas, apesar das dificuldades, o professor não deve desistir. Ele ainda continua sendo o principal fator da mudança. Moreira e Candau (2008, p.43) nos deixa uma declaração importante a ser refletida:

Como professores intelectuais que atuamos na escola, precisamos enfrentar esse desafio, tornando-nos pesquisadores (as) dos saberes, valores e práticas que ensinamos e/ou desenvolvemos, centrando nosso ensino na pesquisa. Nesse processo, podemos aperfeiçoar nosso desempenho profissional, podemos nos situar melhor no mundo, podemos, ainda, nos engajar na luta por melhorá-lo. Nesse processo, podemos despertar nos alunos e nas alunas o espírito de pesquisa, de busca, de prazer no aprender, no conhecer coisas novas.

Ao futuro educador, cabe ser o elo entre informática e a sala de aula, desenvolvendo as habilidades cognitivas das crianças, de maneira que tal conhecimento não fique restrito na sala, mas que ele se expanda e chegue à comunidade escolar. As propostas tecnológicas na escola por parte dos docentes o auxiliará no desenvolvimento escolar dos alunos, dando suporte a sua prática pedagógica.

5. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS

5.1. A Disciplina

Em pleno século XXI, em que a presença da tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia, o uso do computador é necessário nos cursos de licenciatura, para preparar os futuros professores dessa nova geração conectada, principalmente nos cursos de Pedagogia, pois cada vez mais o contato com as tecnologias tem ocorrido mais cedo. É importante a presença do monitor nas disciplinas de formação de educadores, como um apoio ao docente da disciplina. Ambos tornam-se mediadores do conhecimento e ajudam os aprendizes na grande quantidade de informações que são apresentadas todos os dias em sala de aula.

O novo componente curricular “Educação e Tecnologias” orientado pela professora Maria Lúcia Serafim, trouxe ao novo currículo do curso de pedagogia caminhos para que os futuros profissionais venham propiciar através da ferramenta do computador, mudanças profundas na Educação. A partir de tal pressuposto, os alunos por sua vez, construam sua autonomia gradativamente dentro da academia de modo que sua aprendizagem seja eficaz.

Para isso, é necessário que o docente da disciplina seja comprometido e motivador desses futuros profissionais, seu papel é indispensável no ciclo entre docente-monitor-discente.

Segundo Kensky (2007, p.94) o uso da tecnologia digital no Brasil vem ocorrendo com maior intensidade nas instituições educacionais nos últimos anos. A presença de disciplinas engajadas na tecnologia tem crescido inclusive nos cursos de licenciatura.

Kensky (2007, p.103) ainda expõe que professores bem formados conseguem ter segurança para administrar a diversidade de seus alunos e, junto com eles, aproveitar o progresso e as experiências de uns e garantir, ao mesmo tempo, o acesso e o uso criterioso das tecnologias pelos outros.

Morin (2004,p.54-55) diz que o educador é aquele que é capaz de ajudar o aluno a descobrir suas próprias virtudes, verdades, limitações, aquele capaz de despertar o sonho para viver a realidade, portanto, o docente deve ser o grande motivador de todo o processo.

A metodologia de trabalho da disciplina “Educação e Tecnologias” é realizada pela docente numa modalidade didática envolvendo teoria e prática, criando condições

para que os futuros professores se apropriem de modo analítico e criativo dos conteúdos, formas e contexto de realidade que envolvem as tecnologias na educação. Há todo um desenvolvimento da disciplina centrada numa pedagogia dialógica, analítica e produção de conhecimentos, permitindo leituras, reflexões e aplicação sobre textos e ferramentas de diferentes linguagens (entende-se aqui como escritos, visuais e sonoros, online⁸ e offline⁹), assim como oficinas, leituras de realidades educacionais e estudos já realizados e elaboração de projetos, que tratem das relações entre os sujeitos da educação e os múltiplos processos da tecnologia digital na atualidade.

A proposta da disciplina é formar sujeitos críticos e criativos. Fugimoto (2009, p.2) afirma que:

O professor é um agente multiplicador do processo educativo, e, em uma sociedade em que as inovações são processadas rapidamente, é necessário formar pessoas flexíveis, críticas, criativas, atentas às transformações da sociedade e capazes de aprender e rever suas ideias e ações.

Fugimoto (2009, p.7) ainda afirma a necessidade de uma nova abordagem e ações inovadoras:

Formar professores para usar o computador na educação não é tarefa fácil, não é apenas ensiná-lo a dominar a máquina, mas fazê-lo compreender que sua superação está em sua prática pedagógica, em suas ações inovadoras e em uma nova abordagem de ensino.

A inovação começa com uma boa base dentro dos cursos de formação, esta deve ocorrer dentro dos componentes curriculares das universidades, mudança nos currículos internos.

Segundo Mercado (1998, p.2)

A integração do trabalho com as novas tecnologias no currículo, como ferramentas, exige uma reflexão sistemática acerca de seus objetivos, de suas técnicas, dos conteúdos escolhidos, das grandes habilidades e seus pré-requisitos, enfim, ao próprio significado da Educação.

A disciplina é centrada na criação de futuros professores criativos e na realidade, motiva-os quanto a busca de tecnologias adequadas, aprimorando seu conhecimento e gerando uma fonte de novas experiências. Mercado (1998, p.7) alega

⁸ ligado diretamente no computador, pronto para o uso imediato” Disponível em: <<http://oque.dictionarist.com/online>> Acesso em: 12 Jul.2013.

⁹ Offline (ou off-line) é um termo da língua inglesa cujo significado literal é “*fora de linha*”. É habitualmente usado para designar que um determinado usuário da internet ou de uma outra rede de computadores não está conectado à rede. Disponível em: < <http://www.significados.com.br/offline/>> Acesso em: 10 Jul. 2013.

que:

As novas tecnologias podem ter um significativo impacto sobre o papel dos professores, pela reciclagem constante recebida via rede, em termos de conteúdos, métodos e uso da tecnologia, apoiando um modelo geral de ensino que encara os estudantes como participantes ativos do processo de aprendizagem e não como receptores passivos de informações ou conhecimento, incentivando os professores a utilizar redes e começarem a reformular suas aulas e a encorajar seus alunos a participarem de novas experiências.

Igualmente, o professor tem um papel extramente relevante durante toda a disciplina. Através de aulas teóricas e práticas, intercaladas entre si, é possível ver concretamente que a teoria não está longe da prática. Que elas podem andar juntas, entrelaçadas, propiciando um aprendizado mais eficaz na vida do estudante.

Assim sendo, Valente (1999, p.9) expõe que:

O papel do professor deixa de ser o de “entregador” de informação para ser o de facilitador do processo de aprendizagem. O aluno deixa de ser passivo, de ser o receptáculo das informações para ser ativo aprendiz, construtor do seu conhecimento. Portanto, a ênfase da educação deixa de ser a memorização da informação transmitida pelo professor e passa a ser a construção do conhecimento realizada pelo aluno de maneira significativa sendo o professor o facilitador desse processo de construção.

Para Vygotsky (apud Mello, 2004, p.144), o bom ensino é aquele que propicia a aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento. Nesse sentido, o bom ensino acontece num processo de colaboração entre o educador e o aprendiz.

Os profissionais de educação conforme Moreira e Candau (2008, p.19) devem ter a obrigação de participar de modo crítico e criativo na elaboração de currículos que sejam mais atraentes, mais democráticos e mais abundantes.

Ainda Moreira e Candau (2008, p.19) fala sobre a importância do educador na construção desses currículos: “O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula.”

É necessário um diálogo entre ensino e aprendizagem, entre professor e aluno, aluno e monitor, monitor e professor. O conhecimento não deve ser linear, não acontece como uma mera transmissão de conhecimento verticalmente.

Nessa disciplina, para que o conhecimento e a aprendizagem ocorram satisfatoriamente, é imprescindível um ciclo dialético. Isso só faz o lembrar de o que FREIRE (2000, p.25) diz que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas é a possibilidade para a sua produção ou a sua construção. Logo, o diálogo é essencial, “se não formos ‘humanos’, se não tivermos sensibilidade, não iremos dialogar”.

Freire (2005, p. 92) ainda afirma que “se ele não ama o mundo, se não ama a vida, se não ama os homens, não é possível dialogar”.

Na educação não é diferente, é necessário uma troca. Em uma disciplina em que o monitor também está presente, se não houver diálogo, trocas, o trabalho não irá fluir.

Tais reflexões caracterizam bem o que Moran (2000, p.138) diz que “quando o aluno é motivado e possui uma participação ativa, avança mais e facilita todo o trabalho do docente. O papel do professor é o de gerenciador do processo de aprendizagem.”

5.2. O MONITOR

O processo para ser monitor da disciplina “Educação e Tecnologias” percorreu um longo caminho. A monitora fez parte da turma pioneira a receber a nova disciplina no novo currículo de Pedagogia em 2009.2. Logo no início ocorreu uma empatia, uma identificação pessoal com os conteúdos e uma aproximação entre a proposta do componente e do docente. No semestre seguinte, após a abertura do edital, foi feita a seleção através de testes teóricos e práticos.

Antes do exercício da monitoria, antes de tudo, é primordial uma empatia com os conteúdos que foram estudados através da disciplina.



Figura 1 – Laboratório de Informática (LINC) CEDUC – 2010 - disciplina orientada pela Profª Maria Lúcia Serafim - Fonte: arquivo pessoal

Segundo Franco (1984, p.2) o aluno-monitor é o estudante que, por algum interesse, aproxima-se da disciplina e ajuda o professor no ensino dos alunos, desenvolvendo trabalhos ou pequenas tarefas.

O monitor precisa ser conhecedor dos assuntos que irá atuar em sala de aula com o docente e estudantes. A própria seleção é feita para saber se ele está apto e

conhece os assuntos da disciplina para trabalhar fluentemente.

Segundo Nasser (2011, p.6)

O monitor deve ter um bom domínio sobre o conteúdo a ser trabalhado, facilitar a compreensão dos conceitos - ir ao particular ao geral ou do geral ao particular; fazer os alunos descobrir a resposta; ajudá-lo a pensar; estimular a participação de todos.

A orientação da monitoria é feita de maneira a colaborar com os discentes nas pesquisas orientadas pela docente do componente; agrupando tarefas pedagógicas e científicas, inclusive na preparação de aulas, trabalhos didáticos e atendimento aos alunos em sala de aula, e fora dela.

Kensky (2007, p.116) afirma que “a escola é o espaço privilegiado e propício para desencadear a ação e a fluência digital”. Assim, a aproximação entre a teoria e prática dentro da universidade na disciplina “Educação e Tecnologias” deu-se de modo satisfatório, e a presença da monitora foi parte imprescindível para o sucesso de todo o processo.

A monitora também ajudou e orientou os alunos em seus trabalhos teóricos e práticos, além de auxiliar a docente em seus trabalhos práticos e experimentais e, na medida do possível construiu elo entre discentes e a docente.



Figura 2 – Turma de Pedagogia noturna 2010.2 – Fonte: arquivo pessoal

Segundo Nasser (2011, p.01) ser monitor é “antes de tudo, é ser um facilitador do aprendizado em sala de aula. A relação ensino-aprendizagem se realiza de forma especial e própria em cada sala de aula, em conjunto com os alunos e o professor”

O aluno-monitor participa do processo de construção do conhecimento e torna-se também um agente construtor. A troca de informações existentes durante o exercício

da monitoria em sala de aula, principalmente entre monitor e discentes é imprescindível. Ao ser oferecido um apoio aos alunos quanto as suas necessidades de estudo, tanto o monitor quando os alunos aprendem.

Assim, segundo Nasser (2011) o monitor tem contato com a:

- ✓ iniciação á docência, em um trabalho conjunto entre professor-monitor dentro de uma sala de aula;
- ✓ possibilidades de contato com a experiência de construção do ensino e de ser uma agente construtor;
- ✓ uma participação ativa no processo de construção da universidade: de seus objetivos e valores;
- ✓ uma experiência de auxílio á relação professor – aluno em sala de aula;
- ✓ uma possibilidade de enriquecimento de currículo



Figura 3 – Turma de Pedagogia noturna 2011.1 – Fonte: arquivo pessoal

Por ser uma disciplina que interliga teoria e prática a todo o momento “Educação e Tecnologias” oferece ao aluno as possibilidades para uma maior aproximação entre o aluno e o objeto de estudo. Principalmente no que se diz de recursos computacionais aplicados à educação.

Segundo Mercado (1998, p.03) existe dificuldades, através dos meios convencionais, para se preparar professores para usar adequadamente as novas tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem.

Nesta pesquisa, também foi constatado que para formar docentes que venham usar a tecnologia como uma ferramenta em suas aulas, eles precisam ser ensinados com a ‘metodologia’ que eles irão usar futuramente.

Segundo Kensky (2007, p.44):

Não basta adquirir a máquina, é preciso aprender a utilizá-la, a descobrir a

melhores maneiras de obter da máquina auxílio nas necessidades de seu usuário. É preciso buscar informações, realizar cursos, pedir ajuda aos mais experientes, enfim, utilizar os mais diferentes meios para aprender a se relacionar com a inovação e ir além e começar a criar novas formas de uso e, daí, gerar outras utilizações.

Kensky (2007) ainda afirma que as TIC se bem utilizadas, geram transformações nos desempenhos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado.

Outro aspecto a ser mencionado é que muitas vezes os alunos se sentem mais a vontade para fazer questionamentos ao monitor. O monitor é o intermediário entre o professor e os alunos.

Quanto aos estudantes, é de grande importância estabelecer uma boa relação com eles, pois se essa empatia não existir, o trabalho pode ser prejudicado. Vale dizer que cada estudante é único e apresenta particularidades próprias no que se refere ao ritmo de entendimento e aprendizagem, por isso, o monitor deve ser bastante flexível no assessoramento desses estudantes.

Nesse cenário, a experiência de trabalho mais ativa com a docente do componente se deu na colaboração do desenvolvimento de atividades, projetos e acompanhamento das aulas junto aos discentes, revendo e refletindo conteúdos já estudados por nós anteriormente. Além, do aprendizado de novos conceitos e a interação com uma nova turma de futuros profissionais da educação.

Mercado fala que todos os que ensinam já tiveram a experiência de que ao ensinar determinado assunto a gente frequentemente aprende sobre ele. Na monitoria durante esses semestres os assuntos não foram diferentes, quando mais dúvidas eram sanadas, mais existia o fortalecimento desses assuntos, o aprendizado aumentava.

Logo, as atividades que foram realizadas pela monitora na sala de aula de Pedagogia 2010.1, 2010.2, 2011.1 e 2011.2 foram: a colaboração com os alunos na aprendizagem de programas, auxílio aos alunos ao uso dos recursos computacionais, atendimento individualizado nas dúvidas dos alunos para atividades de pesquisa, escrita e leitura de autores e vídeos indicados pela professora regente além, de planejamento das aulas junto com a docente. Os atendimentos especiais semanais foram feitos presencialmente e até mesmo à distância por meio de redes sociais e email.

Entende-se que, o docente tem um papel primordial na função do monitor. Se o docente não abrir os caminhos para que o monitor exerça sua função dentro e fora da sala de aula à monitoria ficará inativa. É necessário que o docente priorize os alunos em

seu processo didático, mas que também priorize o monitor para que ele atue e não se torne apático em sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tais atividades realizadas, a monitora percebeu que ser monitor vai além de ser um simples auxiliador do docente e dos discentes. Ser monitor é ter motivação, interesse, envolvimento pessoal. Pois será preciso buscar sempre o aperfeiçoamento de conhecimentos fora da sala de aula para que a prática seja rica e eficaz. Facilitando assim, seu trabalho e contribuindo para a formação do discente na academia. A experiência foi ímpar. Ver de perto o trabalho da docente e auxiliar os alunos nas atividades instiga o monitor para exercer a profissão do magistério, além de ter contato com conteúdos vistos anteriormente e relacionar-se com outros estudantes.

É importante também destacar que a academia reforce mais através de seus coordenadores de monitoria reuniões extraordinárias, além dos editais oferecidos no portal da Universidade levantando a importância da função do monitor para os futuros monitores, como uma forma de preparação prévia de conhecimentos básicos para a ocupação do cargo. Lembrando que de nada adianta haver uma preparação por parte da universidade e do docente frente ao monitor se o próprio, não for um árduo buscador de conhecimentos da disciplina e seus respectivos subtemas. Se não houver interesse, sua função enquanto monitor não valerá.

Antes de tudo, é imprescindível que o monitor seja um autodidata, que se aperfeiçoe nos conhecimentos que já construiu enquanto foi aluno da disciplina na qual hoje é monitor e vá além. Que busque, estude e procure novas maneiras de se aperfeiçoar. Pois no final do processo, todos sairão ganhando: o docente, o monitor e os alunos. O conhecimento se torna bem mais eficaz, valorizado e rico. O crescimento é sem escalas.

Nesse intuito, o presente trabalho evidenciou a importância da monitoria e estimular professores e alunos no seu exercício. Bem como uma visão mais aprofundada acerca do computador na sociedade e seu uso na formação do docente e na sala de aula.

O artigo buscou mostrar que a monitoria exerce um papel imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem mais amplo e diversificado e, principalmente, na troca de conhecimentos entre alunos, monitor e docente como um ciclo que não carece ter fim.

Portanto, a empatia e o envolvimento para o aprendizado das três partes do processo são indispensáveis para que o trabalho flua e o conhecimento seja construído a partir da valorização do que cada um tem de melhor.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional. Lei nº 9.394.** Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE\CP nº 5 de 13 de dezembro de 2005. **Objetivo do Curso de Pedagogia.** Brasília, 2005.

BRASIL, Resolução CNE\CP 1\2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia.** Diário oficial da união, Brasília, 16 de maio de 2006, seção 1, p. 11

CHAVES, E. **Computadores: máquinas de Ensinar ou Ferramentas para aprender.** Revista do INEP. MEC. Brasília, 1983.

DIONNE, J. E LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** 1 ed. Porto Alegre: Artmed. 1999.

FRANCO, G. P. **Uma experiência acadêmica como aluno- monitor da disciplina de Morfologia: histologia e anatomia.** Revista Gaúcha de enfermagem, Porto Alegre, v.19, n.1,p.66-68, jan, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. **Pedagogia do oprimido.** Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2005.

FUGIMOTO, S. M. A. **Informática na educação: a questão da utilização do computador na escola em uma perspectiva construcionista.** Campinas. Unicamp/FE, ALB, 2009. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_1066.pdf Acesso em: 30 de Novembro de 2012.

KENSKY, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da educação.** Papirus, Campinas, São Paulo. 2007

KUHLTHAN, C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MASETTO, M. T. **Didática: a aula no centro.** 4ª Ed. FTD, São Paulo, 1997.

MELLO, S. A. A escola de Vygotsky. In: **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens.** São Paulo, Avercamp, 2004.

MERCADO, L. P. L. **Formação docente e Novas tecnologias**. IV congresso RIBIE, Brasília, 1998.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Informática na Educação. V.3,n.1,p.137-144,2000. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm> Acesso: 13 de Julho de 2011.

_____. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo: desafios da Internet para o professor**. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126,1995.

_____. **Novos desafios na educação presencial e virtual**. In: PORTO, Tamia Maria E. (org.). Saberes e linguagens de educação e comunicação. Ed. UFPel. Pelotas. 2001. P.19-44

MOREIRA, F. B. e CANDAU, V. M. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Ministério da educação. Secretaria de educação Básica, Brasília, 2008.

MORIN, E. **Diálogo sobre o conhecimento: entrevistas com Alfredo Pena-Veja e Bernard Paillard**. São Paulo. Cortez, 2004.

NASSER, M. C. de Q. C. **Monitoria**. Departamento de Teologia. PUC-SP, 2011. Disponível em: http://www.pucsp.br/~dtcr/DEPARTAMENTO%20DE%20TEOLOGIA_arquivos/IPT/Monitoria.htm Acesso em: 21 de Setembro de 2011.

PACIEVITCH, T. **Tecnologia da Informação e Comunicação**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>. Acesso em: 21 de agosto de 2013.

PROEG. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. **Programa de Monitoria**. Disponível em: www.uepb.edu.br Acesso em: 18 fev. 2010.

TAKAHASHI, T. Sociedade da Informação no Brasil: Livro verde. Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília, 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB. **RESOLUÇÃO UEPB/CONSEPE020/2007**. Disponível em: www.uepb.edu.br Acesso em: 20 jul. 2010.

VALENTE, J. A. (org.). **O Professor no ambiente Logo: formação e atuação**. Campinas: UNICAMP-NIED, 1996.

VALENTE, J. A. e ALMEIDA, F. J. **Visão analítica da Informática na Educação do Brasil: a questão da formação do professor**. Revista Brasileira de Informática na Educação. Nº 1, 1997

_____. **Computadores e Conhecimento: repensando a educação**. Campinas:

UNICAMP/NIED, 1996.

_____. **O uso inteligente do computador na Educação.** Revista Pedagógica Pátio Editora Artes Médicas Sul – NIEP-UNICAMP .Nº 1, 1993, pp.19-21

_____. **Formação de professores: diferentes abordagens pedagógicas.** In: VALENTE, J. A. (org.) O computador na sociedade do conhecimento. UNICAMP-NIED. Campinas, São Paulo, 1999, p. 17-20.

VIEIRA, F. M. S. **A utilização das Novas tecnologias na Educação num a perspectiva Construcionista.** ProInfo- MEC, 2011. Disponível em <http://www.proinfo.gov.br/upload/biblioteca/191.pdf> Acesso em: 15 de Outubro de 2011.